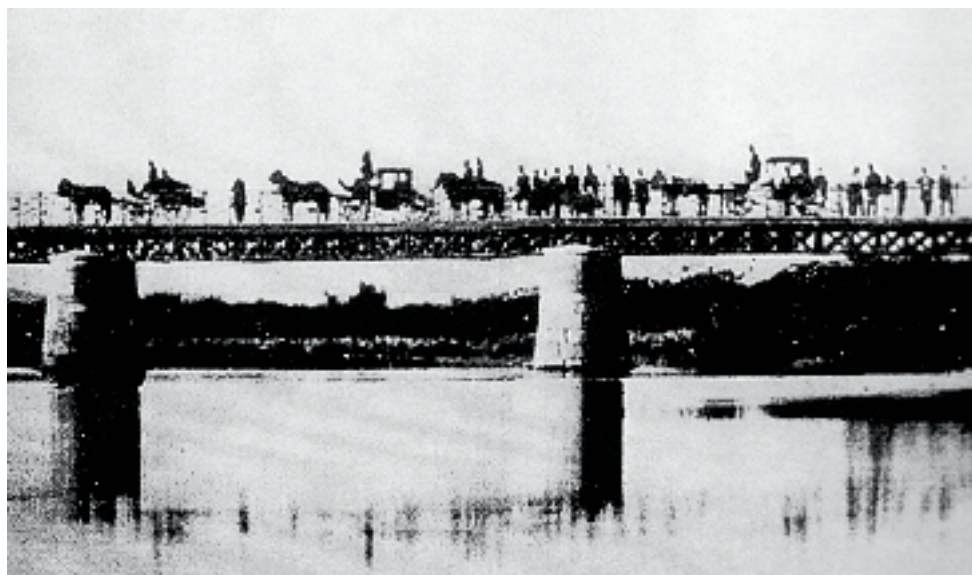


DISCRETA, MAS COM MUITA PERSONALIDADE

Orgulhosa de sua origem, Gabriela Baumgart apresenta a zona norte de São Paulo, sede de alguns ícones do turismo paulistano

Michel Gorski

Nelson Khon





Ícones do passado e do presente da zona norte: retratos do Parque da Juventude; comitiva de Dom Pedro II passando sobre o Rio Tietê; e início das construções do complexo Center Norte. Ao lado, público assiste a competições no Rio Tietê; e Adoniran Barbosa aguarda o trem na estação Jaçanã. Acima, carro de época

O portal para a discreta zona norte da capital paulistana, ou ZN, como é conhecida por seus moradores, é a Ponte das Bandeiras, uma das principais da cidade. Ao ser construída, em 1942, já estabelecia algo raro em São Paulo: uma relação direta com as atividades de lazer no seu rio maior, o Tietê, com torres para a observação de regatas.

Pois a ligação turismo, lazer e metrópole só se fez aprimorar nesse que é um dos eixos mais antigos da cidade. A região está cada vez mais comprimida entre as barreiras naturais do Rio Tietê e da Serra da Cantareira. Considerada uma das maiores florestas em área urbana do mundo, a Cantareira atrai turistas e curiosos, ávidos por conhecer suas belezas naturais. Adentra-se na região por Santana. O bairro, surgido em 1580 e quase tão antigo quanto São Paulo, concentrou significativos destinos de turismo da cidade: os complexos do Parque Anhembi e do Center Norte, cercados por um anel de atividades complementares, e com vários hotéis, ruas tradicionais de comércio e o principal terminal rodoviário do país.

A advogada Gabriela Baumgart, gerente de marketing dos shoppings Center Norte e Lar Center, nascida e criada na ZN, convive com os números do desenvolvimento regional, onde o mercado imobiliário volta-se principalmente para as novas famílias, que, ao se formarem, preferem prestigiar a zona norte. O adensamento populacional ajuda a sustentar a excelente frequência dos shoppings, ou da Cidade Center Norte, como ela gosta de chamar o complexo comercial inaugurado em 1984. Às margens do

Tietê, a área fazia parte de um antigo plano da cidade – construir um centro náutico, para a formação dos atletas olímpicos da época, talentos como a nadadora Maria Lenk e o esportista João Havelange.

Com vocação e espaço para receber visitantes, a prefeitura da capital paulista escolheu a região para instalar um centro de eventos e exposições de grande porte. Desde 1972 o Parque Anhembi, com 400 mil m², hoje remodelado, é o maior da América Latina (e sonha com merecida expansão para a enorme reserva de área urbana do Campo de Marte). É o Anhembi que comanda a invasão turística anual, com mais de 11 milhões de pessoas que cruzam o rio para suas feiras, congressos, convenções e shows musicais, além do revigorado Carnaval no Sambódromo. “No quesito escolas de samba, a ZN sempre foi um reduto tradicional. No Carnaval não precisam passar por pontes para desfilarem no Sambódromo a Mocidade Alegre, o Império da Casa Verde, as Rosas de Ouro, os Acadêmicos do Tucuruvi, a X-9 Paulistana, entre outras escolas”, lembra.

Simbolicamente a construção da Ponte das Bandeiras, em substituição à Ponte Grande, rompeu um certo distanciamento entre bairros quase rurais, como eram Freguesia do Ó, Casa Verde, Tucuruvi e Santana, e o centro da cidade, cujo marco zero situa-se a apenas 4 quilômetros dali. A constante retificação do Rio Tietê, que hoje seria muito questionada, mudou literalmente o rumo de toda a região. Havia até um trem que ligava os redutos longínquos da ZN à “cidade”, como era chamado o centro de São Paulo. O trem que levava os visitantes ao Parque da

Cantareira, passando pelo bairro do Jaçanã, inspirou Adoniran Barbosa na composição do samba, quase hino paulistano, *Trem das Onze*. Foi desativado em 1964.

A forte vinculação da família de Gabriela à ZN a fez entender e valorizar suas raízes, desde o tempo em que estudava no tradicional Colégio Imperatriz Leopoldina, fundado por imigrantes alemães em 1923, e residia na Rua Voluntários da Pátria, principal artéria do bairro. Tal sentimento a fez estender sua curiosidade para outros setores de

São Paulo: “Quero conhecer cada vez melhor minha cidade e mostrá-la com toda a sua história aos meus filhos”. Para tanto, vencendo preconceitos e a preguiça, gosta de organizar passeios com amigos para locais de interesse, começando sempre pelas novidades da zona norte, que tem recebido maior atenção do poder público, com projetos de renovação e requalificação urbanas, especialmente na área da antiga Casa de Detenção, o Carandiru, que se transformou no Parque da Juventude. ●

POR QUE CRUZAR O RIO TIETÊ?



Antes de relacionar boas razões para que as pessoas se deslocem para a zona norte, Gabriela Baumgart ressalta que gosta de passear na cidade toda. E menciona a visita noturna ao Zoológico, o Museu do Ipiranga e a Estação Ciência como programas imperdíveis. “Mas ainda não fiz o novo passeio *cult* da metrópole, navegar no Rio Tietê.” Além da gastronomia e dos bares, os parques novos e antigos da região são destinos imperdíveis para a gerente de marketing da Cidade Center Norte.

• **Parque Estadual Albert Löefgren** – Com 174 alqueires de Mata Atlântica, o Horto Florestal, criado em 1896, era a última estação do trem da Cantareira. Lá, além de todos os equipamentos de um grande parque associado à natureza, ficam o Instituto Florestal, o Palácio de Verão do Governo do Estado e o Museu Florestal Octávio Vecchi (Museu da Madeira). Esse último, inaugurado em 1931, é conhecido pela originalíssima coleção com amostras de nossas madeiras.

• **Parque da Juventude** – Pode-se dizer que a paisagem da zona norte teve um choque de urbanidade com a criação deste parque maravilhoso no lugar do malfadado presídio. Nesta ampla área, além de atividades culturais e esportivas tradicionais, destaca-se a concorrida Noite Esportiva, nas quadras poliesportivas e pista de skate.

• **Parque do Trote** – O antigo Trote da Vila Guilherme, antiga área destinada a esportes hípicas. Além de ser um novo parque na ZN, implantou um novo conceito para os parques da cidade, que é sua total adaptabili-

dade para pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. O espaço de lazer para todos conta com trilha dos sentidos, pista de caminhada acessível e um centro de convenções e de eventos.

Fila na porta, para comer e beber

Além de consagrados ícones gastronômicos da cidade, como o Frangó e a Casa Garabed, Gabriela ressalta que na ZN fervilham bares e restaurantes, alguns de moda e outros que se tornaram destinos, como o boteco do Luis e o Bar do Justo. Tem ainda os que se consagraram no rumo da Serra da Cantareira, como o Velhão e o Bar do Pedrão. O point atual dos bares é a Avenida Luiz Dumont Villares, no Jardim São Paulo.

• **Frangó** – No largo da Matriz de Nossa Senhora do Ó, que parece uma praça de cidade do interior, encontra-se o Frangó, um boteco assumido como tal antes da onda, com muita personalidade e com uma temática definida: é um lugar das cervejas e dos seus apreciadores. Além de um menu degustação de cervejas do mundo todo, há quem vá lá só para comer suas famosas coxinhas de frango com catupiry, mas a maioria vai pelas duas razões.

• **Casa Garabed** – Estar no mesmo local, sem placa de identificação, desde 1951 poderia ser empecilho para a divulgação da Casa Garabed, mas a informação sobre a qualidade das suas esfihas, com receitas originais armênicas, cruza toda a cidade e gera fila na porta, o que é inegavelmente um indicador positivo na gastronomia paulistana. “O ponto alto e obrigatório da visita é acompanhar a execução das esfihas e sua trajetória ao forno a lenha gigante, com 5 metros de profundidade”, conclui Gabriela.